

Allan Kardec

Na Evangelização Infanto-juvenil, a história de Allan Kardec (e da Doutrina Espírita) pode ser contada de várias maneiras. O modo mais utilizado é iniciar pelo reencarne, infância, idade adulta, codificação da Doutrina Espírita e desencarne.

Muitos evangelizando já ouviram a história em outros ciclos, em anos anteriores, por isso é importante que o evangelizador use técnicas criativas e/ou diferentes abordagens. É possível tornar essa aula interessante para todos. Vejamos alguns exemplos:

■ Para crianças maiores, pode-se iniciar contando a história de Allan Kardec não pelo seu nascimento mas, usando a imaginação, pelos momentos que antecederam seu reencarne: Sem dizer seu nome, falar de Kardec no plano espiritual, conversando com seu espírito protetor, recebendo dos amigos espirituais as instruções sobre a missão de codificar a Doutrina Espírita. Importante lembrar que apesar de ter essa missão, ele teve o livre-arbítrio de realizá-la ou não (então outra pessoa faria).

■ Dividir os acontecimentos da vida de Kardec em etapas (anos, períodos ou décadas). Cada evangelizando deve pesquisar e ilustrar uma fase (exemplo: 1804: reencarne; 1832: casamento com Amélia; 1854: mesas girantes...). As crianças podem apresentar o resultado de suas pesquisas aos demais colegas e ao final, organiza-se um mural com os trabalhos, em ordem cronológica.

■ Para o jardim e primeiro ciclo pode ser utilizado xerox de gravuras de apostilas e revistas e montada a história em álbum seriado, cineminha, cartões, teatro de fantoches. Um globo para mostrar onde fica a França, falar sobre a época da Codificação (não havia luz elétrica, televisão, água encanada, não havia ônibus, avião, as viagens eram em carruagens ou em cavalos, etc, com o intuito de fazê-las entenderem a época e as dificuldades enfrentadas); levar as Obras Básicas para serem manuseadas, são idéias válidas para tornar interessante a história.

■ Um trabalhador do Grupo Espírita pode ser convidado para contar a história, pois outra pessoa oportuniza um enfoque diferente, com outras palavras, outra voz, tornando atrativa a aula.

■ Para finalizar o encontro e reforçar as idéias desenvolvidas durante a aula, pode-se usar quebra-cabeça com a figura de Kardec, cruzadinhas, desenho das Obras Básicas, gravuras da história para pintar, Dominó com a seqüência dos acontecimentos, Jogo de Memória com os principais fatos, Jogo do Certo e Errado (dividir a turma em dois grupos, e ir sorteando perguntas sobre o tema, as quais devem ser avaliadas em Certo ou Errado).

■ Para crianças do segundo e terceiro ciclos, pode-se, na aula seguinte, trazer xerox das Obras Básicas, para que eles pintem e escrevam uma frase que resuma o que contém cada Obra. É importante nesta aula trazer também todas as Obras Básicas para que os evangelizando as manuseiem e usem como fonte de pesquisa. Se necessário, pode ser feito esta parte da atividade com evangelizando e evangelizadores em conjunto. Ao final, dividir a turma em cinco grupos e cada um apresenta uma das Obras, contando quando foi publicada, o que contém e escolhendo uma frase, a fim de demonstrar aos demais que o livro é interessante e vale a pena ser estudado.

Há muitas maneiras de se contar a mesma história, com criatividade e amor, cada aula pode ser uma viagem no tempo, levando os evangelizando ao século XIX, aprendendo sobre Kardec e a Doutrina dos Espíritos.

Abaixo segue resumo dos principais fatos da vida de Allan Kardec, para ser utilizado como fonte de pesquisa.

Allan Kardec



Allan Kardec

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon, na França, em 03 de outubro de 1804, sendo filho de Jean Baptiste-Antoine Rivail, juiz, e Jeanne Duhamel.



Pestalozzi- professor de Allan Kardec

Fez em Lyon os seus primeiros estudos e em 1815, aos 11 anos, foi estudar no Instituto de Educação de Yverdum, na Suíça, com o célebre professor Pestalozzi, que utilizava um método avançado de pedagogia, onde a criança é seu próprio agente de aprendizado.

Muitíssimas vezes, quando Pestalozzi era chamado para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail o encargo de o substituir na direção da sua escola. Rivail era

bacharel em letras e em ciências e doutor em Medicina, tendo feito todos os estudos médicos e defendido brilhantemente sua tese. Linguísta admirável, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol; conhecia também o holandês, e podia facilmente exprimir-se nesta língua.

Denizard Rivail era um alto e belo rapaz, de maneiras distintas, humor jovial na intimidade, bom e gentil, que em 1822 mudou-se para Paris.



Allan Kardec – jovem

Em 1826, na rua de Sèvres nº 35, fundou a Instituição Rival, um instituo técnico com base no modelo de Yverdum, em sociedade com um tio materno.

Em 6 de fevereiro de 1832 casou-se com a professora primária de letras e belas artes Amélie Gabrielle Boudet, pequena, mas bem proporcionada, gentil e graciosa, rica por seus pais e filha única, inteligente e viva, ela era nove anos mais velha que ele, mas na aparência dir-se-ia ter menos dez que ele.

O sócio de Rivail, após perder grandes quantias no jogo, inviabilizou a continuidade da Instituição Rival que foi liquidada em 1834. A quantia que coube a Rival ele entregou a um amigo negociante, que veio a falir. Sem dinheiro, Rivail empregou-se como contabilista em três casas comerciais e à noite escrevia gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores; traduzia obras inglesas e alemãs e preparava todos os cursos de Levy-Alvarès, freqüentados por discípulos de ambos os sexos do faubourg Saint-Germain. Organizou também em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada, de 1835 a 1840, e que eram muito freqüentados.

Membro de várias sociedades sábias, notadamente da Academia Real d'Arras, foi premiado, por concurso, em 1831, pela apresentação da sua notável memória: *Qual o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades da época?*

Dentre as suas numerosas obras convém citar, por ordem cronológica: *Plano apresentado para o melhoramento da instrução pública*, em 1828; em 1824, segundo o método de Pestalozzi, ele publicou, para uso das mães de família e dos professores, o Curso prático e teórico de aritmética; em 1831 fez aparecer a *Gramática francesa clássica*; em 1846 o *Manual dos exames para obtenção dos*

diplomas de capacidade, soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria, em 1848 foi publicado o *Catecismo gramatical da língua francesa*; finalmente, em 1849, encontramos o Sr. Rivail professor no Liceu Polimático, regendo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Em uma obra muito apreciada resume seus cursos, e depois publica: *Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbona; Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas*.

Tendo sido essas diversas obras adotadas pela Universidade de França, e vendendo-se abundantemente, pôde o Sr. Rivail conseguir, graças a elas e ao seu assíduo trabalho, uma modesta abastança. Seu nome era conhecido e respeitado, seus trabalhos justamente apreciados.

Foi em 1854 que Rivail ouviu, do senhor Fortier, magnetizador, acerca das mesas girantes. No ano seguinte - era no começo de 1855 - encontrou o senhor Carlotti, um amigo de há vinte e cinco anos, que discorreu acerca desses fenômenos durante muito tempo, com bastante entusiasmo. Em maio de 1855, Rivail esteve na casa da sonâmbula Sra. Roger, com o Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrou o Senhor Pâtier e a senhora Plainemaison, que falaram desses fenômenos.

O senhor Pâtier era funcionário público, de certa idade, homem muito instruído, de caráter grave, frio e calmo; com sua linguagem pausada, isenta de todo entusiasmo, levou Rivail a aceitar o convite para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, rua Grange-Batelière nº 18, às 20 horas da noite. Foi aí, pela primeira vez, que Rivail testemunhou o fenômeno das mesas girantes.



Na casa do senhor Baudin Rivail fez seus primeiros estudos sérios em Espiritismo. Aplicou a essa nova ciência, o método da experimentação; nunca formulou teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

Um dos primeiros resultados das observações foi que os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal.

A princípio Rivail, longe de ser um entusiasta dessas manifestações e absorvido por outras preocupações, esteve a ponto de as abandonar, o que talvez tivesse feito se não fossem as solicitações dos Srs. Carlotti, René Taillandier, membro da Academia das Ciências, Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho, e Diddier, editor, que acompanhavam havia cinco anos o estudo desses fenômenos e tinham reunido cinquenta cadernos de comunicações diversas, que não conseguiam pôr em ordem. Conhecendo as vastas e raras aptidões de síntese do Sr. Rivail, esses senhores lhe enviaram os cadernos, pedindo-lhe que os organizasse.

Rivail estudou muito, fez muitas perguntas aos espíritos. Uma noite, seu Espírito protetor, Z., deu-lhe, por um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma anterior existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias. Ele se chamava, então, Allan Kardec, e, prometia-lhe esse Espírito auxiliá-lo na tarefa de organizar os ensinamentos dos espíritos. Rivail comparecia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas que eram respondidas com precisão, profundidade e de modo lógico.

E foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formou a primeira edição de O Livro dos Espíritos, a qual apareceu em 18 de abril de 1857.



Esse livro era em formato grande, em duas colunas, uma para as perguntas e outra, em frente, para as respostas. No momento de publicá-lo, Rivail ficou muito embaraçado em resolver como o assinaria, se com o seu nome ou com um pseudônimo. Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele resolveu assinar com o nome de Allan Kardec que, segundo lhe revelara o guia, ele tivera ao tempo dos Druidas.

A obra alcançou tal êxito que a primeira edição foi logo esgotada. Allan Kardec reeditou-a em 1858 sob a forma atual, revista e aumentada.

No dia 25 de março de 1856 estava Allan Kardec em seu gabinete de trabalho, em via de compulsar as comunicações e preparar O Livro dos Espíritos, quando ouviu pancadas repetidas; procurou, sem descobrir, a causa delas, e em seguida continuou seu trabalho. Sua mulher, ao chegar, ouviu os mesmos ruídos; ambos procuraram, mas sem resultado, de onde podiam eles provir.

"No dia seguinte, sendo dia de sessões em casa do Sr. Baudim, escreve Allan Kardec, contei o fato e pedi a explicação dele.

- Ouvistes o fato que acabo de narrar; podereis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta insistência?
 - Era o teu Espírito familiar.
 - Com que fim, vinha ele bater assim?
 - Queria comunicar-se contigo.
 - Poderei dizer-me o que queria ele?
 - Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.
- Meu Espírito familiar, quem quer que sejas, agradeço-vos terdes vindo visitar-me. Quereis ter a bondade de dizer-me quem sois?
- Para ti chamar-me-ei a Verdade, e todos os meses, durante um quarto de hora, estarei aqui, à tua disposição.
- Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa de particular a dizer-me?
- O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias; o que escrevias me desagradava e eu queria fazer-te parar.

NOTA - O que eu escrevia era precisamente relativo aos estudos que fazia sobre os Espíritos e suas manifestações.

- A vossa desaprovação versava sobre o capítulo que eu escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho?
- Sobre o capítulo de ontem: faço-te juiz dele. Torna a lê-lo esta noite; reconhecer-lhe-ás os erros e os corrigirás.
- Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?
- Está melhor, mas não muito bom. Lê da terceira à trigésima linha e reconhecerás um grave erro.
- Rasguei o que tinha feito ontem.
- Não importa. Essa inutilização não impede que subsista o erro. Relê e verás.
- O nome de Verdade que tomais é uma alusão à verdade que procuro?
- Talvez, ou, pelo menos, é um guia que te há de auxiliar e proteger.
- Posso evocar-vos em minha casa?
- Sim, para que eu te assista pelo pensamento; mas, quanto a respostas escritas em tua casa, não será tão cedo que as poderás obter.
- Podereis vir mais freqüentemente que todos os meses?
- Sim; mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem.
- Animastes alguma personagem conhecida na Terra?
- Disse-te que para ti eu era a Verdade, o que da tua parte devia importar discrição; não saberás mais que isto." (A Gênese)

De volta a casa, Rivail releu o que havia escrito e verificou que, realmente, tinha cometido grave erro, corrigindo-o em seguida.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos foi fundada a 1º de abril de 1858. Antes, as reuniões se realizavam na casa de Allan Kardec, à rua dos Mártires, com E. Dufaux, como principal médium.

A Sociedade foi, então, regularmente constituída e reunia-se todas as terças-feiras, no local que fora alugado no Palais-Royal, galeria Valois. Aí ficou durante um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não podendo lá permanecer por mais tempo, reunia-se todas as sextas-feiras em um dos salões do restaurante Douix, no Palais-Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou em sede própria, na rua e passagem Sant'Ana nº 59.

Kardec publicou também O Livro dos Médiuns, na primeira quinzena de janeiro de 1861, editado pelos Srs. Didier & Cia., livreiros-editores. O mestre expõe a sua razão de ser nos seguintes termos, na Revista Espírita:

"Procuramos neste trabalho, fruto de longa experiência e de laboriosos estudos, esclarecer todas as questões que se prendem à prática das manifestações; ele contém, de acordo com os Espíritos, a explicação teórica dos diversos fenômenos e condições em que eles se podem produzir; mas a parte concernente ao desenvolvimento e ao exercício da mediunidade foi, sobretudo, de nossa parte, objeto de atenção toda especial."

Em abril de 1864 publicou a Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo, com a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação e sua concordância com o Espiritismo. O título dessa obra foi depois modificado, e é hoje O Evangelho segundo o Espiritismo.

No dia 1º de agosto de 1865, Allan Kardec fez aparecer uma nova obra - O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo, na qual são mencionados numerosos exemplos da situação dos Espíritos, no mundo espiritual e na Terra, e as razões que motivaram essa situação.

Em 1867 Kardec fez uma viagem a Bordéus, Tours e Orleans; em seguida publicou, em janeiro de 1868, A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, que constitui, sob o ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Hippolyte-Léon-Denizard Rivail - Allan Kardec - faleceu em Paris, na Rua Sant'Ana, 59, em 31 de março de 1869, na idade de 65 anos, da ruptura de um aneurisma.

Rivail, embora apareça sempre sério nas gravuras que o representam, gostava de rir com um riso franco, largo e comunicativo, era bem humorado, além de ser um trabalhador incansável. Por ter organizado os ensinamentos dos espíritos em livros, Allan Kardec é chamado de Codificador do Espiritismo.

Como trabalhar com biografias

Rita Foelker

O momento de falar das pessoas que marcaram a história do Espiritismo sempre chega, para os educadores espíritas.

Allan Kardec, Amélie Boudet, Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco e outros são Espíritos cujas vidas apresentam aspectos muito interessantes, que podem nos servir de exemplo e incentivo.

Contudo, é preciso evitar alguns vícios comuns que podem estar presentes qualquer estudo histórico. Estas aulas podem tornar-se apenas um desfile de informações sobre datas, nomes e lugares, sem conexão com a realidade em que vivemos. E tudo vira um jogo de decorar pouco significativo para a compreensão espiritual dos conceitos apresentados.

Nós podemos transformar este estudo numa oportunidade de aprofundar e refletir sobre nós mesmos e nossas atitudes, extraindo realmente conclusões importantes para nossas vidas, se abordarmos o assunto da maneira certa.

1. Não se contente com dados enciclopédicos. Busque nas biografias fatos que possam ser associados ao dia-a-dia das crianças e adolescentes.
2. Procure concentrar-se nos aspectos humanos da personagem em questão: seu modo de ser, vida profissional, relação com a família, sua educação, suas obras.
3. Não os retrate como se estivessem mortos e pertencessem ao passado. Talvez você encontre informações confiáveis sobre sua atuação presente, no Mundo Espiritual, e a continuidade de seu trabalho neste planeta. Mas se não puder obtê-las, fale da imortalidade, explique que eles são Espíritos que continuam atuando em prol daquilo em que acreditam: o bem, a educação, a caridade, etc.
4. Não basta saber que alguém foi grande, é preciso entender o porquê, e isto costuma estar ligado ao uso da força moral e das virtudes. Pode parecer que basta imitá-los para ser como eles, mas nosso objetivo não é este. O importante não é que façamos como eles fizeram, se isto não está em nosso coração, mas que sejamos capazes de entender os sentimentos que levaram a certas escolhas e a certas ações, e que possamos buscar estes sentimentos dentro de nós, mesmo que ainda pequeninos.

Sugestão de música:

CD: Cancioneiro 2

As mesas girantes

(Marcos Canduta / Jaime Togores)

MP3 - Letra Cifrada

Acesse o link abaixo e escute a música

<http://www.aonde.com/clique/clique.php?url=http://www.cancioneiro.com.br/&keys=musicas%20espiritas>

AS MESAS GIRANTES

(Marcos Canduta / Jaime Togores)

G+ D7
Nos meados de cinquenta de um século que se passou

G+ D7
O mundo inteiro se agitava com a novidade que chegou

G+ D7
Eram mesas que giravam durante as reuniões

G+ D7
Que dançavam e se quebravam nas experiências dos salões

G+ D7
As pessoas perguntavam as mais diversas questões

G+ D7
E colhiam encantadas, brilhantes anotações

G+ C+ D7 G+ D7
Fala mesinha, fala mesinha e a mesinha respondeu

G+ C+ D7 G+ D7
- "A mesinha não fala, e quem responde as perguntas sou eu!?"

G+ D7
As respostas então traziam, para os problemas, soluções

G+ D7
Mas ninguém ainda estudava, as mesas eram simples diversões

G+ D7
Houve então um professor que entre outros se distinguiu

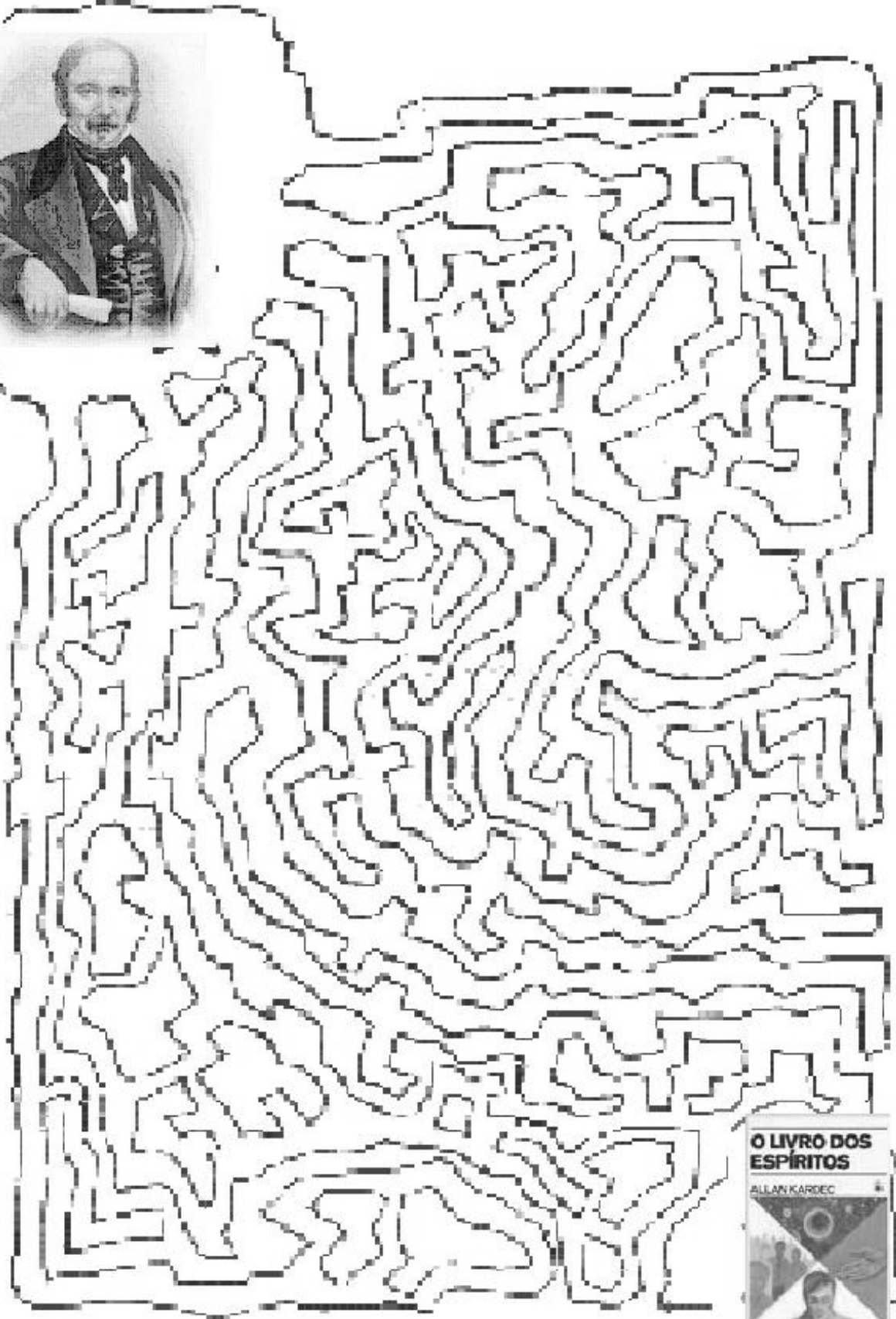
G+ D7
Coordenou os tais ensinamentos - O seu nome, Rivail

G+ D7
As mesinhas se tornaram, da Doutrina, o ponto de partida

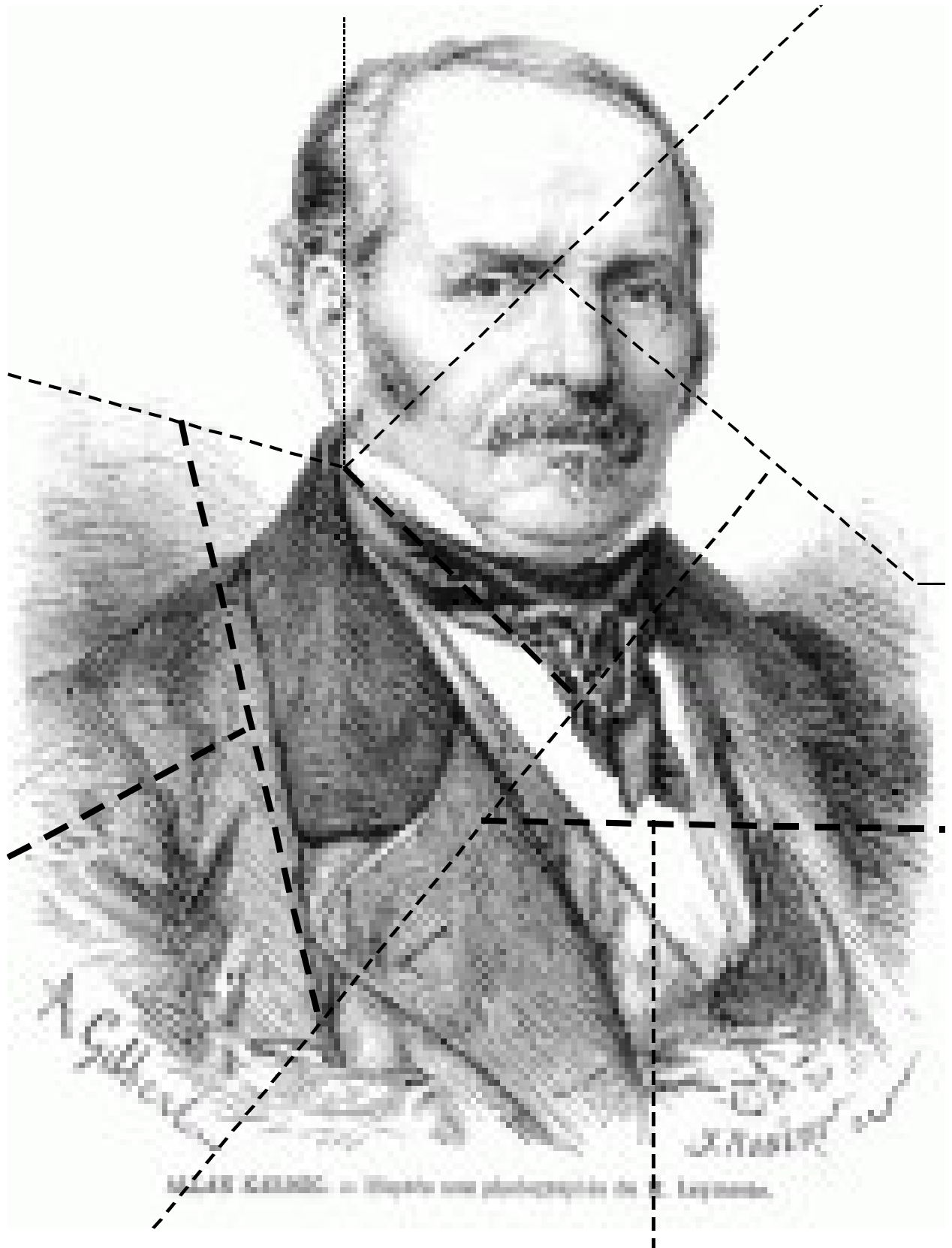
G+ D7
E legaram à humanidade um roteiro certo para as nossas vidas

G+ C+ D7 G+ D7
Fala mesinha, fala mesinha e a mesinha respondeu

G+ C+ D7 G+ D7
- "A mesinha não fala, e quem responde as perguntas sou eu!?"



Quebra-cabeças
Allan Kardec





Mesas girantes

Fenômeno que atraiu o interesse de curiosos e pesquisadores da Europa e América do Norte no século XIX. Eram movimentos de mesas e outros objetos provocados por Espíritos. Allan Kardec começou estudando estes fenômenos e chegou à elaboração de toda a Doutrina Espírita.

Dica:

Outra idéia para falar das mesas girantes é levar uma mesa de brinquedo com cordõezinhos nas extremidades (de preferência de fio de anzol, que são transparentes) e balançar-os para imitar o que acontecia nos salões daquela época, nessas ocasiões em que havia o fenômeno das mesas girantes. É uma forma mais fácil das crianças entenderem o que acontecia.